

João Cabral de Melo Neto: do regional, ao social e filosófico, ao universal: a regionalidade alcançada pelo percurso poetizado do Nordeste à Espanha e Andaluzia

Prof. Dra. Lisana Bertussi (UCS)¹

Resumo:

Exame da obra poética de João Cabral de Melo Neto, para demonstrar que sua referência fundamental à região não é limitada pelas restrições programáticas do movimento regionalista - que é tradicionalmente, localista e apolítico - para atingir o universal, portanto, alcançar o caráter de regionalidade, segundo o conceito de José Clemente Pozenato, em O regional e o universal na Literatura gaúcha, texto teórico básico para pensar essa questão.

Palavras-chave: Poesia, região, regionalidade, João Cabral de Melo Neto

Muito se leu a obra poética de João Cabral de Melo Neto, muito já se disse sobre ela, muitas perspectivas de recorte foram feitas e é um desafio tentar dizer algo que possa ainda representar algum tipo de contribuição. Esse estudo pretende mostrar que o autor partindo do regional consegue chegar ao universal e, portanto vai além dos limites do Regionalismo tradicional, para alcançar, num salto maior, a regionalidade².

Examinados os 21 livros do autor³, ou seja: 1. (PS)⁴ *Pedra do sono* (1940-41), 2.(OTMA) *Os Três mal amados* (1943) 3. (OE) *O engenheiro* 4. (PC) *Psicologia da Composição* (1946-47), 5.(CSP) *O cão sem plumas* (1949-50) 6. (OR) *O rio* (1953), 7.(PF) *Paisagens com figuras* (1954-55), 8. (MVS) *Morte e vida Severina* (1954-55), 9. (FSL) *Uma faca só lâmina* (1955), 10. (QUA) *Quaderna* (1956-59), 11. (DP) *Dois Parlamentos* (1958-60), 12.(SER) *Serial* (1959-61), 13.(EPP) *A educação pela pedra* (1962-65) 14.(MT) *Museu de tudo* (1966-74), 15. (EF) *A escola das facas* (1975-80), 16. (AFR) *Auto do Frade* (1984), 17.(AGRE) *Agrestes* (1981-85), 18.(CCR) *Crime na Calle Relator* (1985-87), 19. (AS) *Sevilha andando* (1987-93) 20. (AS) *Andando Sevilha* (1987-89) e 21.(PP) *Primeiros poemas* (1937-40)⁵, ressaltaremos apenas os livros ou poemas que respondem à nossa questão basilar: a regionalidade.

João Cabral de Melo Neto poetizou, com ênfase, o Nordeste, seu litoral, seus rios, o mar, o sertão, o agreste, a mata, o canavial o engenho, mas também, entre outras regiões, a Espanha, com a Andaluzia, (Sevilha com ênfase), a cidade de Cádiz, a Catalunha. Isso porque o autor era diplomata e morou muito tempo nesse país.Têm mais fortemente a marca regional os livros: *O cão sem plumas*, *O rio*, *Paisagem com figuras*, *Morte e vida Severina*, *Dois Parlamentos*, *A educação pela pedra*, *A escola das facas*, *Agrestes*, *Sevilha andando* e *Andando Sevilha*, embora, em praticamente todos, haja algum poema regional.E quando o enfoque está na região, seja ela qual for, a intenção não parece ser nunca a do elogio fácil à paisagem, o descritivismo apolítico, numa declaração de ligação forte com as raízes. A região é, quando se trata do Nordeste, em geral, uma alegoria de um sistema injusto, em que a seca é, muito mais do que um fenômeno atmosférico, uma forma política e desumana de sociedade, que tira da vida tudo o que ela tem de vitalidade para ser um espaço

¹ Professora de graduação e do Mestrado em Letras e cultura regional do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul.

² Segundo José Clemente Pozenato, em *O regional e o universal na literatura gaúcha*, regionalidade é a possibilidade de, a partir da referência à região, atingir o universal.

³ Usaremos, nesse estudo, *João Cabral de Melo Neto - Obra completa* da Nova Aguilar, editada em 2003.

⁴ Usaremos siglas para localizar cada um dos livros de poesia, conforme apontado nesse parágrafo.

⁵ Esses poemas são impressos, em separado, no final, das *Obras completas* da Aguilar, talvez porque o autor os considerasse imaturos e não os tivesse inserido no conjunto de suas obras.

sempre aberto à “indesejada das gentes”, a morte, que está ameaçadoramente, sempre presente, ou, ainda um pretexto para falar da existência através da poesia. Há pouco espaço para poetizar a beleza da paisagem, em sua obra dessa fase. Mas quando se trata da Espanha, há lugar para vitalidade, beleza, sensualidade, prazer, com mulheres que são poderosas forças de vida.

Na primeira perspectiva, estão as obras abaixo examinadas, seguidas pelas da segunda. Em *O cão sem plumas* (1949-1950), a imagem do rio remete à pobreza, à aridez do Nordeste. Em “Paisagem do Capibaribe” a alegoria do rio é pura concentração de carência social. Observe-se:

[...]
Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo d'água,
da água do cântaro,
dos peixes de água,
da brisa da água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
[...] (CSP., 105)

É inusitada a imagem do rio como “cão”, como símile, e, inclusive, “sem plumas” um epíteto impertinente, em que há uma referência metonímica à ausência de luxo nas “plumas”. Também saber dos “caranguejos” e da “ferrugem” é situar-se num espaço sem dignidade e cheio de pobreza. E o rio personifica-se em homem oprimido, pois:

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa o rio;
onde a terra
começa a lama;
onde o homem,
onde a pele
começa a lama;
onde começa o homem
naquele homem

Difícil é saber
se aquele homem
já não está
mais aquém do homem
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
[...] (CSP., 110)

Não há limites entre o “homem” e a “lama”, sua “pele” e a “terra” e ainda sua condição é de estar provavelmente “mais aquém do homem”, até talvez nem ao menos possa “roer” os “ossos do

ofício” de ser homem, portanto, vive, em condições sub-humanas. Veja-se que, do plano regional, chega-se ao social e ao filosófico para pensar a própria existência. Reforça-se a agudez desse estar no mundo, que, se é a luta pela sobrevivência do homem pobre, é, também, o esforço humano de gastar-se com a busca de sentido para o existir, busca trágica, pois “viver/ é no máximo”, “ir entre o que vive”, um deixar-se levar cego de sentido, como se pode observar a seguir:

[...]
Um cão, porque vive,
é agudo.
O que vive
não entorpece.
O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive. (CSP., 114)

Do rio Capibaribe, elemento da paisagem regional, João Cabral consegue tirar toda possibilidade alegórica da miséria humana, no sentido social e filosófico também, como se disse. Em *O rio* (1953), temos uma personificação e uma alegoria. É a ele que o poeta empresta sua fala e seu olhar para observar a paisagem humana, que o cerca, no percurso ilusório em busca de um “mar” de felicidade e justiça social, que parece não existir, pois afirma: “Sempre pensara em ir/ caminho do mar./ Para os bichos e rios/ nascer é caminhar”. E o que o rio vê, no caminho, não passa de terra seca e petrificada pela dureza do viver sacrificado, difícil, ou sem sentido. Observe-se:

[...]
Por trás do que lembro
ouvi uma terra desertada,
vaziada, não vazia,
mais que seca, calcinada.
De onde tudo fugia,
onde só pedra é que ficava,
pedras e poucos homens
com raízes de pedra, ou de cabra.
Lá no céu perdia as nuvens,
derradeiras de suas aves;
As árvores, a sombra,
que nelas já não pousava.
Tudo o que não fugia,
gaviões, urubus, plantas bravas,
a terra devastada
ainda mais no fundo devastada. (OR., p.120)

É significativo que a “terra [é] desertada/ vaziada, não vazia/ mais que seca, calcinada”, com os verbos no particípio regular, o que aponta para movimento, demonstrando que é por algum tipo de gesto exploratório que a terra se esvaziou, secou, ficou deserta e não por especificidade sua. Isso, implicitamente, aponta para um elemento humano gerador desse poder de esvaziamento de tudo que não fosse “pedra”. Algo que pode interferir até no formato do “céu” sem “nuvens”, quase sem “aves”, nas “árvores” sem “sombra”. Uma paisagem desertificada, de onde tudo foge, e “só poucos homens/ com raízes de pedra” podem resistir. Sem dúvida, há o fenômeno atmosférico, típico do clima nordestino, na secura desse universo poético, mas há, também, o poder do homem, que não

age para modificar essa paisagem, tão inóspita, que o rio diz ir deixando, uma “terra onde as coisas vivem/ a natureza da pedra” (OR., 120). Essa leitura do texto aponta, mais uma vez, para o social, mas o poeta vai mais além, elevando sua região a símbolo de inquietação filosófica, pois o rio afirma:

[...]
Deixando vou essas terras
da minha infância.
Deixando para trás
os nomes que vão mudando
Terras que eu abandono
porque é de rio estar passando.
Vou com passo de rio,
que é de barco navegando.
[...] (OR121)

Há, aqui, uma referência clara à vida, suas fases, seu percurso com a passagem inexorável do tempo, pois “é de rio estar passando” e “com passo de rio/ que é de barco navegando”.

Em *Paisagens com figuras* (1954-1955), ainda que acompanhados de alguns poemas sobre paisagens espanholas, é Pernambuco quem reina absoluto como temática, agora desvelando seus “cemitérios”, um dos elementos recorrentes na poesia de João Cabral. O “cemitério”, que também é uma alegoria, porque, como se observa, no poema “Cemitério pernambucano (*Nossa Senhora da Luz*)”, o estado de estar morto em vida é permanente na região, por isso a morte “cai como luva” e a “terra nem sente” [...] a “intrusão” dos novos mortos que já eram desde antes parte dela.

Morte e vida Severina (1954-1955) é, sem dúvida, o texto mais político de João Cabral. Esse auto de Natal, que fala tanto das mortes, “da morte em vida” e da “morte morrida”, tem seu centro, na denúncia da condição social desumana dos anti-heróis coletivos, os retirantes, que fogem da seca, e também traduz o injusto sistema, no qual vivem os nordestinos. Os diálogos, entre o retirante e Mestre Carpina, personagens centrais, são sempre muito reveladores dessa situação trágica dos “Severinos” da região. É um deles quem fala, como exemplo:

[...]
Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida Severina
(aquela que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais Severina
para o homem que retira.
[...] (MVS., 177)

Viver como pobre, nessa região, é conviver com a morte sempre “ativa”, e “o pouco que não [é] morte/[é] vida Severina”, uma vida que não é dádiva mas conquista “defendida”, demonstrando a árdua luta para viver, nesse universo injustamente segmentado em classes.

Em *Dois parlamentos* (1958-1960), no “Congresso no polígono das secas”, a região nordeste é considerada como um “cemitério” proposto como uma forma de acabar com “os defuntos

privados” no “Sertão coletivista” para criar uma “tumba grande” que “socializa seus defuntos”. (DP., 272). Ouçamos as falas dos parlamentares sobre o tema:

-Cemitérios gerais
onde não cabe fazer cercas.
-Nenhum revezo caberia
o que dentro devera.
-Onde o morto não é,
só, o homem morto, o defunto.
-De mortos muito mais gerais,
bichos, plantas, tudo.
-De mortos tão gerais
que não se pode apartação.
-O jeito é mesmo consagrar
cemitério a região.

[...]
-A morte aqui não é bagagem
nem excesso de carga.
-Aqui ela é o vazio
que faz com que se murche a saca
aliás nunca plena.
- ela esvazia o morto,
a morte aqui jamais o emprenha.
-A morte aqui não indigesta,
mas bem é morte azia.
-É o que come por dentro
o invólucro que nada envolvia. (DP., 272,273)

É completamente anti-regionalista “consagrar/ cemitério a região”, pois é uma anti-apologia da beleza da paisagem e do homem, o tipo regional, que, nesse caso, é uma “saca”, um “envólucro” vazio “que nada envol[v]e” e é esvaziado na morte. O quanto diferente é essa descrição de outras configurações elogiosas, míticas e plenas de vitalidade das literaturas regionais.

Em *Educação pela pedra* (1962-1965), a pedra como metáfora da dureza da vida nordestina é a ênfase. Em “Sertanejo falando”, desvela-se o quanto é enganosa “a entonação lisa de adocicada” de sua fala, pois “as palavras de pedra ulceram a boca”, porque, no “idioma pedra se fala doloroso”, e, na região, “uma pedra de nascença, entranha a alma” (EPP., 336, 338). A paisagem é descrita com adjetivação negativa, cheia de carências, como em “Nordeste (A) – Duas bananas e a bananeira”, em que o poeta diz que a “caatinga [é] tolhida e raquítica,/ entre uma vegetação ruim de orfanato”. (AEPP., 349).

No entanto, a entrada da Espanha, como temática, tonaliza essa negatividade. Contrastante é a visão expressa no poema “Na baixa Andaluzia”, em que tudo é positividade, sensualidade, germinação. Observe-se:

Nessa Andaluzia coisa nenhuma cessa
completamente, de ser da e de terra;
de uma terra dessa sua, de noiva,
de entreperna: terra de vale, coxa;
donde germinam ali pelos telhados,
e verdadeiros, jardins de jaramago;
a terra das telhas apesar de cozida,
nem cessa de parir nem a ninfomania.

De parir flores de flor, não de urtiga:
os jardins germinam sobre casas sadias,
que exibem os tais jardins suspensos
e outro interior, no pátio dentro,
e outros sempre onde da terra incasta
dessa Andaluzia, terra sem menopausa,
Que fácil deita e deixa, nunca enviúva,
e que de ser fêmea nenhum forno cura.(EPP., 363)

Muito outra é essa “terra”, “donde germinam” “jardins”, “terra” que não cessa de “parir flor”, que, longe da morte, “nunca enviúva” e acolhedora abre seu “interior, no pátio dentro”, essa terra “fêmea”, “sem menopausa”. Está ela muito distante da região inóspita, dura, morta e seca de um Nordeste, que é quase um grande cemitério.

A *escola das facas* (1975-1980), inicia por ainda associar a paisagem com a miséria e a luta pela sobrevivência, mas já há momentos de relaxamento, nos quais, a beleza da terra e do mar são ressaltadas. O mundo do canavial pode desvestir-se, em alguns momentos, da posição de defesa e agressividade, para desvelar sua leveza, lembrando o mar, simbólico, como desejo, que se opõe à luta do homem contra a terra seca não receptiva, como em “A voz do canavial” (EDF 248).Aqui, nega-se a “lâmina”, para dar lugar à “voz redonda”, “em curvas”, “abaulada”, ligada às “ondas”, ao “mar” de “Recife”, onde a “vida[é] elísia”. É curioso que a agressividade e os gestos de defesa estão, freqüentemente, ligados à masculinidade e os aspectos positivos e de relaxamento à feminilidade. Já percebemos esse aspecto acima, quando referimos um poema sobre a Andaluzia, região onde o viver é fácil e prazeroso. No entanto, essa visão parece não ter peso e sustentação para esquecer que, como revela o poema “As facas pernambucanas”: [...] não só de praia é o Nordeste,/ ou litoral da peixeira;/ também é o Sertão, o Agreste/ sem rios, sem peixes, pesca”(EDF., 436).

Num dos últimos poemas desse livro, “Autocrítica”, o poeta tenta explicitar porque carrega duas regiões na sua vida poética: Pernambuco e Andaluzia e com elas o Sertão e Sevilha, que são realmente os recortes mais explorados. É porque elas conseguiram “(des) feri-lo até a poesia”.Observe-se o texto:

Só duas coisas conseguiram
(des) feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.(EDF., 456)

A nenhum leitor ocorre ser possível acreditar na veracidade dessa terceira pessoa, expressa, como emissor do poema: é um João Cabral poetizado, sujeito repetitivo, quem leva na bagagem essas fortes experiências das duas regiões.

Agrestes (191-1985) já é um livro em que as impressões sobre as regiões Nordeste e Espanha se mesclam, assim como as visões são dicotômicas: ora realistas, retomando velhos temas da opressão e miséria, ora otimistas, mostrando a beleza da paisagem.

Há um gesto universal de inquirição filosófica, sobre formas do viver, no poema “Lembrando Manolete”, em que o recorte regional é a Espanha, marcada metonimicamente pela tourada, que adquire, aqui, função alegórica.Observe-se:

Tourear, ou viver como expor-se;
expor a vida à louca foice

que se faz roçar pela faixa
estreita da vida, ofertada

ao touro; essa estreita cintura
que é onde o *matador* a sua

expõe ao touro, reduzindo
todo seu corpo ao que é seu cinto,

e nesse cinto toda a vida
que expõe ao touro, oferecida

para que a rompa; com o frio
ar de quem não está sobre o fio.(AGRE., 538)

Esse “viver como expor-se”, o que pode ser um risco, pois é “expor a vida à foice” é uma metáfora de um viver arriscado, de quem tem coragem para aparentar “o frio/ ar de quem não está sobre o fio”, porque, como diria Vinícius de Moraes, “são tantos os perigos dessa vida” ⁶ou, como afirmou um Guimarães Rosa: “viver é muito perigoso”⁷. Então, talvez, o poema esteja mostrando que há um risco inerente para quem vive para valer.

E Sevilha está sempre muito presente, como em “Luz de Sevilha”, em que se destaca: “Não há luz sobre Sevilha,/ embora sofra sol e lua;/ o que há sim é uma luz interna,/ luz que é de dentro, dela estua.”(AGRE., 543) E a Espanha está entranhada, nesse universo, com contundência, como declara, ambigüamente, o poema “Espanha em el corazón”: “A Espanha é uma coisa de tripa./ Por que ‘Espanha no coração’?/ Por essa víscera é que vieram/ São Franco e o séquito dos Sãos” (AGRE., 546). Há, aqui, não só expressão de amor pela terra, mas, ainda, ironia indignada pela ditadura e os sofrimentos que ela causou ao povo espanhol, na guerra civil, lembrando também o poema “Espanha no coração” de Pablo Neruda⁸.

Em *Sevilha andando* (1987-1993) e em *Andando Sevilha* (1987-1989), o elogio à vitalidade é predominante e o otimismo da visão, uma antítese contundente para o olhar realista-pessimista no Nordeste. A cidade é alegorizada na mulher, com toda sua sensualidade e acolhimento e é raríssima alguma nota de tristeza. Em “A sevilhana que não se sabia” já está a descrição da figura feminina, que anda pela cidade:

[...] a sevilhana sem modéstia

passeia como em sala sua,
multivestida porém nua,

dessa nudez sob mil refolhos
que só se expressa nos olhos.

⁶Vinícius de Moraes, poeta brasileiro, no poema “Soneto do Corifeu”:

São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua surge de repente/
E se deixa no céu, como esquecida.

Esse poema está no *Livro de Sonetos*, Editado no Rio pela Cia das Letras em 1992, pág. 99.

⁷ João Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*, publicado em 1ª ed. em 1956 e em 7ª ed. pela José Olympio, em 1970.

⁸ Poema do livro *Tercera residência*, traduzido e editado pela LPM em 2007.

Por ela anda a sevilhana
como andaria qualquer chama,

A chama que reencontro negra
e elétrica, da cabeleira,

Chama morena e petulante
dela e da sevilhana andante,

Ambas em espiga a cabeça
num desafio a quem que seja,

E pisando esbeltas no chão,
ambas, num andar de afirmação.(SA., 630)

Há uma grande dose de vitalidade nessa cidade de Sevilha e na mulher que caminha por ela. Não há vontade “retirante”, nesse espaço acolhedor, em que a mulher passeia com toda a sua plenitude humana, tão diferente do Severino, que está “aquém do homem”, “saco” “vazio”, “esvaziado” de vida e felicidade. Em “Sevilha andando”, novamente é a mulher que traduz a exuberância da cidade:

Só com andar pode trazer
a atmosfera Sevilha, cítrea
o formigueiro em festa
que faz o vivo de Sevilha.

Ela caminha qualquer onde
como se andasse por Sevilha.
andaria até mesmo o inferno
em mulher da *Panadería*.

Uma mulher que sabe ser
mulher e centro do ao redor,
capaz de na *Calle Regina*
ou até num claustro ser o sol.

Uma mulher que sabe ser-se
e ser Sevilha, ser sol, desafia
o ao redor, e faz do ao redor
astros de sua astronomia.(SA., 639)

Estamos em presença de alguém, que não caminha sem destino certo, como os retirantes nordestinos, mas que “caminha em qualquer onde”, “sabe ser-se” e “desafia/ o ao redor, e faz do ao redor/ astros de sua astronomia”, portanto um ser humano potente, confiante do domínio que exerce no seu universo. Em “Mulher cidade”, o “homem/ nunca saberá/ se vive a cidade/ ou a mulher melhor/ sua mulheridade.” (AS., 645). Interessante o espaço largo dado à mulher, na poesia de *Sevilha andando*, onde o homem é mais um observador encantado com o que vive e vê.

Em *Andando Sevilha* (1987-1989), continua o elogio à Sevilha e à Andaluzia, que ficam mais enaltecidas, quando comparadas com outras regiões, como no poema “Sevilha e a Espanha”:

O castelhano e o catalão
têm pobreza e riqueza tristes.

Assim desprezam a Andaluzia:
vêm-na africana ou sacrílega.

Em Castilha, ambas são viúvas,
um manto de beata as recobre
e seus ouros têm a cegueira,
a pátina humilde do cobre.

A Catalunha, tira a tristeza
de querer ser muito mais França,
que não a interessa, senão
enquanto Espanha, dá-lhe entranhas.

A Andaluzia é de ouro e cobre,
Mas nenhum dura mais que um dia:
se alternam, como em seu cantar
À *soleá*, segue a *alegria*. (AS., 659)

Muito sutil é a dose de “tristeza” expressa nas regiões espanholas, quase toda coberta pela “alegria” e a luz ora de “ouro” ora de “cobre”, que emana da Andaluzia, também empanando a imagem da viuvez com a vitalidade ensolarada. Sevilha é tão poderosamente descrita que o poeta até recomenda a possibilidade de “Sevilhizar o mundo”, num poema de mesmo título:

Como é impossível, por enquanto,
civilizar toda a terra,
o que não veremos, verão,
decerto nossas tetranetas,

Infundir na terra esse alerta,
fazê-la uma enorme Sevilha,
que é a contra-pelo, onde uma viva
guerrilha do ser, pode a guerra. (AS., 663)

São essas as regiões que a poesia de João Cabral de Melo Neto recorta e desvela: o Nordeste brasileiro, em que a beleza, que por vezes aparece em pequenas frestas do conjunto de poemas, fica quase que totalmente encoberta pela contundente denúncia da miséria do povo oprimido, pela presença constante da morte, mesmo em vida, pois o nordestino pobre vive em condições sub-humanas e a Espanha, principalmente com a Andaluzia e a cidade de Sevilha, que servem de contraponto luminoso à degradação, com sua vitalidade, segurança, beleza, sensualidade e vida

As referências à região para o autor, nunca têm apenas o objetivo de descrever a região, mas atinge o universal pela ponte do regional, portanto, sua poesia, alcançou a regionalidade. Não descreve, em seus poemas, a paisagem, ou os tipos regionais, para enaltecer suas qualidades e potencialidade, mas eles são pretextos para falar da vida, da existência humana, da busca de sentido, das paixões, da morte, da miséria no seu sentido social e filosófico. Portanto, não estamos em presença de um poeta regionalista, mas de um autor que atingiu a universalidade com a regionalidade.

Referências bibliográficas

- [1] BERTUSSI, Lisana. *Tradição, Modernidade, Regionalidade- A poesia regionalista gaúcha de 1922 a 1932*. Ensaio de estágio de Pós-Doutorado na PUCRS, 2007.
- [2] BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 3ª ed., São Paulo: Hucitec, 1996.
- [3] MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio: Nova Aguilar, 1994.
- MENDONÇA TELES, Gilberto. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. 10ª ed., Rio: Record, 1987.
- [4] MORAES, Vinícius de. *Livro dos sonetos*. Rio: Cia das Letras, 1992.
- _____. São Paulo: Agir, 1983.
- [5] NERUDA, Pablo. *Terceira residência*. Porto Alegre: LPM, 1974.
- [6] POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento/ IEL, 1974.
- [7] ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 7ª ed. Rio: José Olympio, 1970.